

Raízes Ocultadas

Adriel Marques Nunes – História, Francisco Santana Novaes de Assis – Filosofia, Renata Naime Saraiva – Psicologia, Tamires Batista Silveira – Letras
Ações Educativas, Acessibilidade e Estudos de Público no Espaço do Conhecimento UFMG
Orientadora: Sibelle Cornélio Diniz
Áreas temáticas: Cultura e educação

Introdução

Há um desconhecimento por parte dos brasileiros sobre a história do idioma oficial falado no Brasil. Todas as línguas sofrem modificações ao longo do tempo, que vão se instaurando aos poucos. Por isso, não é possível afirmar que atualmente falamos o mesmo português que aqui chegou há mais de 500 anos e, tampouco que falamos a mesma língua falada hoje em Portugal. O português brasileiro sofreu influência das línguas de povos nativos que estavam aqui antes da chegada lusitana e também das línguas que foram trazidas junto aos africanos escravizados. Aparentemente, a temática da linguagem está presente em pontos específicos da exposição “Demasiado Humano”, no Espaço do Conhecimento UFMG. Entretanto, percebemos que esse assunto perpassa a maior parte dela, embora seja um tópico ainda inexplorado, o que motivou o desenvolvimento do trabalho.



Objetivos

A intenção do nosso trabalho é trazer para os diálogos da mediação uma pequena parte da história das línguas indígenas brasileiras, bem como dos povos, da sabedoria e dos costumes destes. Através de diversos estudos realizados a partir de aulas na universidade, formações no museu e bibliografias de diferentes áreas, pudemos levantar aspectos pertinentes desses povos, que tiveram por muito tempo sua cultura ignorada e apagada, mas que aparecem de maneira intrínseca no nosso cotidiano, sem que, por vezes, tenhamos consciência. Para isso, optamos por direcionar nossa ação de mediação apresentando diversas palavras do nosso vocabulário cuja origem no Tupi a maioria desconhece. Almejamos usar a linguagem não só como objetivo, mas também como o instrumento que nos impulsiona nessa discussão. Dessa maneira, através da Extensão pudemos criar uma ponte entre universidade e sociedade e apresentar conteúdos que demonstram a importância e influência indígenas hoje, a fim de promover a visibilidade e compreensão destes, tentando reduzir estereótipos e preconceitos.

Metodologia

Planejamos duas oficinas diferentes, ambas para crianças. A primeira, realizada em junho de 2018, era composta por uma apresentação sobre os troncos linguísticos das línguas indígenas brasileiras e sobre a influência da cultura indígena no Brasil, seguida de um jogo da memória, produzido pelo grupo, que consistia em relacionar palavras de origem Tupi com imagens que as representavam. À medida que os participantes encontravam as cartas correspondentes, os mediadores explicavam o significado das palavras de acordo com a origem. A segunda oficina foi ofertada no mês seguinte, na programação de férias do Espaço do Conhecimento UFMG. Propunha, além de uma mediação sobre os troncos linguísticos e as influências da cultura indígena no Brasil, um percurso na forma de um jogo pela exposição “Demasiado Humano”. Escondemos cartas que continham imagens e o significado destas em Tupi em lugares da exposição que possuíam assuntos correspondentes ao conteúdo das mesmas. Dada a largada, assim que os participantes achavam uma carta, os mediadores conversavam com os visitantes sobre o significado da palavra encontrada. Ao final da atividade optamos por não definir ganhadores, pois o objetivo não era promover competições, apenas conhecimento..



Resultados

Após as oficinas, interrogamos os participantes sobre a atividade e, as respostas foram todas positivas; dentre elas, alguns espantos sobre o quão presente o vocabulário, a cultura e os próprios índios estão na sociedade atual, e sobre o quão diverso é o mundo indígena, que não se restringe a um só povo, cultura, língua ou crença. A desconstrução dos estereótipos parece ter sido efetiva com as crianças e pais, visto que o envolvimento e descoberta durante as oficinas promoveram o incentivo a aprenderem mais sobre a temática, como pode ser notado claramente pela empolgação nos depoimentos dados em entrevista à TV UFMG. Do lado do grupo, pudemos desenvolver um repertório acerca de conteúdos culturais indígenas, assim como refletir sobre maneiras lúdicas e efetivas de usá-lo na

Referências Bibliográficas:

- BAGNO, Marcos; CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Pororoca, pipoca, paca e outras palavras do tupi; ilustrações Luiz F. Amorim - 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- DIETRICH, W.; NOLL, V. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: __. O português e o tupi no Brasil. 1 edição. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81-103.
- HARARI, Yuval Noah. Sapiens - Uma breve história da humanidade. 28. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017. p. 9-84.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O português brasileiro: sua formação na complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial. In: COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (orgs.) Do português arcaico ao português brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 115-137.
- MUNDURUKU, Daniel. Coisas de índio: versão infantil - 2. ed. - São Paulo: Callis Ed., 2010.
- PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. A floresta cantal! Uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil 2. edição. São Paulo: Editora Peirópolis, 2014. p. 18-23

